

LESBIANISMO TEM ORIGEM NA GRÉCIA

A palavra que designa o interesse de uma mulher por outra tem origem numa ilha do mar Egeu. Foi em Lesbos, hoje Mitilene, na Grécia, que viveu um grupo de desinibidas mulheres, seis séculos antes de Cristo. À frente da turma, destacou-se a poeta Sapho — que cantou o amor entre as iguais. Poucas odes chegaram aos dias que correm. No século 11, o papa Gregório VII fez queimar o quanto pôde.

No Brasil, as citações mais remotas sobre lesbianismo vêm dos tempos do descobrimento. Em 1576, um certo Pero Magalhães Gandavo já falava em índias tupinambás que mantinham companheiras: "Cada uma tem mulher que a serve e que lhe faz de comer e com quem diz que é casada".

No livro O Lesbianismo no Brasil, o antropólogo Luiz Mott, fundador do Grupo Gay da Bahia, discorre longamente sobre as tendências homossexuais de Dona Leopoldina, primeira imperatriz do Brasil, mulher de Dom Pedro I e mãe de Pedro II. Baseado em diários e cartas, afirma que a nobre de origem austríaca teria mantido uma amizade estreita demais com a inglesa Maria Graham, preceptora da princesinha Maria da Glória.

Graham teria permanecido apenas um mês no país, depois de ser alvo de intrigas de mulheres da Corte e de cutucar o ciúme de Pedro I, que mandou demiti-la. Mott se apóia também em descrições feitas por Pedro Calmon, biógrafo de Dom Pedro I. Dizia o historiador que Leopoldina exibia um espírito masculino: "A partir de 1821, não se enfeitou mais. De longe, parecia um homem. Enganchada no ginete, vestida de azul, usava um chapéu redondo dando a sua fisionomia germânica uma virilidade grotesca".